

Os Elementos Trinitários no Documento de Puebla

Profa. Dra. Ir. Maria Freire da Silva, icm

RESUMO

A III Conferência de Puebla com o tema Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina, ao discutir sobre comunhão e participação, trouxe a tona o dinamismo trinitário de Deus. O Papa João Paulo II em sua homilia em Puebla, ao convocar todos os bispos e membros da Conferência, o faz expressando que o lugar onde estão reunidos “seja um novo cenáculo... aberto às chamas do Paráclito e a força de um renovado Pentecostes”¹.

Key-words: Trinitário, Comunhão, participação

ABSTRACT

The third Pueblas conference with the theme evangelization in the present and future of Latin América, discussing about participation and communion, brought about Trinitarian dynamism of God. The Pope John Paul the Second in his preaching in Puebla, when gathering all the bishops and conference members, did, calling to attention that the place where they are gathered, “ shoul be a cenacle...open to the flames of the Holy Spirit” and the power of a renewed Pentecost”.

Key-words: Trinitarian, Communion, Participation

INTRODUÇÃO

A experiência cristã das origens proclama a fé na Trindade relendo a historia da salvação à luz do evento pascal. O mistério pascal recapitula e exprime em plenitude toda vida de Jesus Cristo inserido na história humana

¹ Cf. Doc de Puebla, *Homilia do 27 de Janeiro aos membros da Conferência e grande Concurso do Povo de Deus*.

em fidelidade ao Pai na força do Espírito Santo. O pensamento posterior ao concílio de Nicéia incitou um aprofundamento sobre a verdade do mistério trinitário frente às heresias.

A reflexão se explicita claramente ao desenvolver o conceito de relação entre as pessoas divinas². Sem dúvida, Jesus é o ponto de partida que, através de sua encarnação, morte e ressurreição traduz o mistério fontal de Deus manifestando o dinamismo amoroso no seio da vida trinitária. Na dinâmica pascal Jesus Cristo revela o amor do Pai. O Pai se revela na Páscoa como Amor que ama (1Jo 4, 19); a Páscoa é a plenitude do amor misericordioso que é o Pai. O amor paterno se manifesta na cruz como a hora da passagem ao Pai e, portanto, a hora da glória e da ressurreição. A Páscoa é revelação do amor do Pai Amante e do Filho Amado no Espírito Amor³. Portanto, o acontecimento pascal revela o amor de Deus, como manifestação pneumática, na glória do Cristo ressuscitado!

A III Conferência de Puebla com o tema Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina, ao discutir sobre comunhão e participação, trouxe a tona o dinamismo trinitário de Deus. O Papa João Paulo II, em sua homilia em Puebla, ao convocar todos os bispos e membros da Conferência, o faz expressando o desejo de que o lugar onde estão reunidos “seja um novo cenáculo... aberto às chamadas do Paráclito e à força de um renovado Pentecostes”⁴.

Ao falar da necessidade de um novo Pentecoste, a Pessoa do Espírito Santo aparece inter-relacionada com a Pessoa de Jesus Cristo a quem os pastores devem testemunhar, mesmo no sofrimento. O papa resgata os atributos do Espírito como a consolação, o advogado ou consolador, que anima e dinamiza a vida dos seguidores de Jesus.

1 - DEUS EM SEU MISTÉRIO DE COMUNHÃO

Sem dúvida, o fio condutor que perpassa a III Conferência de Puebla é a consciência de uma Igreja Povo de Deus presente no continente latino-

² LADARIA, F. Luis, *La trinidad misterio de comunión*, Secretariado trinitário, Salamanca 2002.

³ CIOLA, Nicola, *Teologia Trinitária, storia, método prospettive*, Bologna 2000.

⁴ Cf. Doc de Puebla, *Homilia do 27 de Janeiro aos membros da Conferência e grande Concurso do Povo de Deus*.

americano. Portanto, é de importância fundamental, para a nossa compreensão trinitária de Deus a seguinte frase de João Paulo II:

Já se disse de forma bela e profunda, que nosso Deus em seu mistério mais íntimo não é uma solidão, mas uma família, pois que leva em si mesmo a paternidade, filiação e a essência da família que é amor. Este amor na família divina é o Espírito Santo ⁵.

Esta é a afirmação mais transcendental do cristianismo. No princípio não está a solidão do uno, mas a comunhão das três Pessoas. Em Deus tudo é co-eterno, correlacionado, esplendidamente relacional numa dinâmica pericorética trinitária. A Trindade, que é, em seu mistério de amor, a coexistência e a convivência do Pai com o Filho e com o Espírito Santo, constitui a raiz e o protótipo da comunhão universal.

Deus, em sua vida íntima, é o mistério mais profundo de nossa fé. É o mistério que a Igreja anuncia como uma Boa Notícia. No entanto, é anunciado como o mistério capaz de superar o entendimento criado. Portanto, a Trindade é o mistério escondido e revelado.

O Antigo Testamento continuamente manifesta a dupla dimensão da manifestação de Deus e do ocultamento: O Deus revelador (*revelatus*) é o Deus escondido (*absconditus*). O exemplo mais gerador de impacto: Moisés penetra dentro da nuvem da glória de Deus (Ex 24, 18), fala com Deus face a face (Dt 34, 10), porém, não pode ver o rosto de Deus (Ex 34, 23). Na mesma linha vai o profeta Isaías: “tu és um Deus que se esconde, ó Deus de Israel, o Salvador”(45, 15). No Novo Testamento, Jesus é a revelação plena do Pai que, através de parábolas, expressa aos discípulos o mistério do reino (Jo 16, 29).

Jesus inicia sua vida apostólica com o anúncio da vinda do reino de Deus. É o ponto de partida de sua missão e da vida de seu discipulado. A pregação do reino está vinculada à sua pessoa e posteriormente à vida de seus discípulos. Assim como o evangelho é idêntico à vida de Jesus, assim acontece com o reino. A identidade de Jesus Cristo se manifesta em quem anuncia a Boa Nova (Mt 11, 2-6). A chegada do reino está ligada à pessoa de Jesus.

⁵ Cf. Documento de Puebla, p. 42

Essa clareza da missão de Jesus e da presença do reino se dá através da Pessoa do Espírito Santo: “mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós”(Mt 12, 28; Lc 11, 20). Dessa forma, o mistério de Jesus vai se desvelando através da forma como se relaciona com Deus. Jesus chama Deus de Pai (Abba) e mantendo a distinção: meu Pai e vosso Pai (Lc,6, 36; 12, 30. 32; Mt 5, 48; 7, 21; 11, 27). Há uma distinção entre o ser Pai de Jesus Cristo e “o ser Pai dos discípulos”.

Possivelmente, a mais antiga cristologia explícita no Novo Testamento seja a que se expressa com a ressurreição de Jesus e com a sua constituição como Filho de Deus. Os discursos de Pedro, o conteúdo dos Atos dos apóstolos (2, 14-36;3, 12-26; 4, 9-12, 5, 29-32) contêm a afirmação cristológica de que Jesus ressuscitado por Deus recebeu o Espírito Santo, constituindo-se Senhor e Cristo. Portanto, ressalta-se, aqui, a pregação de Jesus Cristo, a ação realizada pelo Pai, nomeando-o Senhor, Messias, Cristo; recebendo o Espírito, exaltando-o como Salvador. Nesse sentido, pode-se afirmar que, com a ressurreição, Jesus Cristo recebe a plena filiação escatológica e messiânica que lhe corresponde⁶.

Em João, o Espírito é aquele que conduz os discípulos à plenitude da verdade (16, 13). A experiência da primeira comunidade nos atesta que a força do Espírito havia se espalhado e que as palavras de Jesus eram ouvidas (Jo 14, 26).

A história da teologia inicialmente situou-se na pessoa de Jesus como tentativa de clarificar sua relação com Deus e sua origem divina. Posteriormente, concentrou-se no Espírito Santo⁷, esclarecendo sua procedência do Pai e sua glorificação com o Pai e com o Filho. A função principal atribuída ao Espírito Santo para com os discípulos é ser o Espírito da verdade. O Espírito capacita-os para recordar, ensinar, guiar e testemunhar a verdade que é Jesus Cristo. Verdade que inclui o escândalo da cruz. Dessa forma, abrirá o futuro aos discípulos e os glorificará.

Dessa forma, podemos afirmar que a Trindade é o fundamento de toda vida cristã e de toda teologia. Todo tratado teológico deve ter como fio condutor e como forma o mistério trinitário. O ponto de partida para a

⁶ CELAM, *EL Dios de nuestra Fé: Dios uno y trino*, Bogotá 1991.

⁷ Idem, pp. 180-181.

reflexão do mistério trinitário é a história da salvação. Bruno Forte resgata a teologia trinitária a partir do conceito Pátria trinitária e assim retorna à história da revelação para, do centro da economia, elaborar uma visão histórica da Trindade e uma visão trinitária da história⁸. Portanto, o evento morte e ressurreição de Jesus é o lugar da fé trinitária.

A compreensão relacional e de comunhão das pessoas divinas, está intimamente relacionada com o conceito grego de Pericórese. Em sua origem, o conceito designa dança; o que significa, um dança girando, rodeando em torno do outro; e o outro rodeando o primeiro. Como conceito reflexivo, pericórese provém do pensamento estóico e neoplatônico, utilizado, aqui, para significar a relação, a união e a penetração recíproca de corpo e alma. Na teologia, o conceito surge desde Gregório Nazianzeno em contextos cristológicos. Máximo Confessor desenvolve o termo pericórese na tentativa de expressar a penetração recíproca do divino e humano em Jesus Cristo, ou melhor, para pensar “*communio como comunicatio*”.

Esta compreensão era tomada pela teologia da Trindade. Foi o que aconteceu a João Damasceno e a partir dele. Foi João Damasceno quem revestiu o termo da beleza teológica, pois antes dele, a encontramos originando-se da raiz de Jo 18, 38 e 14, 10. Encontramos também seu conteúdo em Atanásio e nos Padres capadócijs. No contexto teológico-trinitário, o termo pericórese significa que o Pai o Filho e o Espírito Santo estão de tal forma unidos que se interpenetram e interagem mutuamente e se abraçam completamente numa entrega recíproca. O Filho está totalmente no Pai e o Pai no Filho. E o Espírito está no Pai e no Filho e vice-versa.

No Ocidente, Mário Victorino formula na mesma linha acerca da Trindade dizendo que a mesma existe “*alter in altero*”, ou seja, “*omnia simul existunt in counitione*”. Porém, seguem sempre associados, desde o ponto de vista da representação, o significado fundamental de que as três pessoas divinas estão em comunidade tal, que podem ser compreendidas metaforicamente só como dançarinos comunitários numa dança em comum. Isso leva à afirmação de que, conseqüentemente, as pessoas divinas se caracterizam por um estar face a face um do outro numa perfeita intimidade, que uma pessoa está presente e atua na outra. Boaventura trata a realidade trinitária

⁸ FORTE, Bruno., *A trinità come storia*, Milano 1988.

afirmando que a verdade trinitária é o princípio fundante e explicativo de todas as demais verdades cristãs e humanas.

A Trindade, como comunidade, é a resposta e a solução à sociedade humana e a seu impulso de abertura vinculante e de interligação. O mistério da Trindade não é uma verdade a-histórica, a-temporal e abstrata, e sim iluminadora e paradigmática com implicações históricas. Porém, devemos compreender que o esquema teológico de Boaventura é entrelaçado pela filosofia e mística em um sistema unitário, compacto e inseparável. Para ele a Trindade é um Tu tripessoal que é fonte e modelo da mais profunda relação comunitária⁹.

A nossa fé se encaixa na consciência plena de nossa identidade cristã e de nossa responsabilidade frente aos desafios. Para escapar ao círculo vicioso da sociedade, é preciso tentar estabelecer uma comunicação, um diálogo, ou melhor, ainda, uma pericórese.

Deus é, em si, unidade e pluralidade, e na superabundância do seu amor, do amor que é em si, pode dar-se ao mundo¹⁰.

O Concílio de Florença, em decreto aos Jacobitas, ensina que Cristo dá testemunho de que o Pai está n'Ele e ele no Pai (Jo 10, 30). O Pai e eu somos uma mesma coisa (10, 38). A concepção grega de pericórese desempenha um papel muito amplo, tomando como ponto de partida a pessoa do Pai, como princípio único, Origem e Fonte da divindade. Ensina que a vida divina flui do Pai ao Filho e, por meio do Filho ao Espírito Santo.

Acentuando a compenetração mútua das três pessoas divinas, salva a unicidade da substância divina. A concepção latina parte da natureza divina e espiritual. Deus é, antes de tudo, um Espírito Absoluto que pensa e ama. Partindo da unidade da substância divina, explica como esta, pelas processões divinas imanentes, se constitui em Trindade de Pessoas. Aparece, portanto, em primeiro lugar, a idéia de consubstancialidade¹¹.

O Concílio de Latrão IV (1215) ensina que as três pessoas divinas constituem um único princípio de todas as coisas (Dz 704; cf. Dz 254,

⁹ MERINO, J. A., "La Trinidad, paradigma de vida comunitária, em S. Buenaventura", in *Pensar a Dios*, Semanas de estudos trinitario, Salamanca 1997. pp. 178-210.

¹⁰ LADARIA. Luiz; *Il Dio vivo e vero...*, Casale Monferrato 1999.

¹¹ *Op cit.* p. 130-131.

281, 284). A afirmação de que a Trindade é o princípio de todas as coisas, favorece a elaboração do entendimento sobre o termo Pericórese trinitária como fio condutor no desenvolvimento da teologia trinitária e sua aplicação no contexto latino-americano a partir da realidade dos pobres e dos desafios do meio ambiente e da ecologia.

A compreensão do dinamismo pericorético trinitário elaborada na teologia latino-americana, traz, em seu desenvolvimento, as categorias da liberdade da co-igualdade e da participação na perspectiva dos pobres. Tal elaboração deve-se à realização do Concílio Vaticano II que resgatou a dimensão trinitária da Igreja: De Unitate Patris et Spiritus Sancti plebs adunata (S. Cipriano) "A Igreja provém da Trindade; está estruturada à imagem da Trindade e ruma para o acabamento trinitário da história". A Igreja emerge da Trindade: o plano salvífico de Deus (LG 2) a missão libertadora do Filho (LG 3) e a ação santificadora do Paráclito (LG 4) tornam a Igreja como mistério, instrumento da ação divina na história humana.

O Concílio Vaticano II, inaugurado pelo Papa João XXIII em 1962, foi um novo amanhecer na história eclesial. Ao retornar à Tradição da Igreja, re-descobriu uma eclesiologia de comunhão fundada na iniciativa trinitária. Assim se expressou o Concílio: «Dessa maneira aparece a Igreja toda com o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo»¹².

Essa retomada de uma consciência trinitária feita pelo Concílio vem favorecer a idéia de que, quanto mais as Igrejas forem, no aqui e agora da História, ícones do dinamismo pericorético trinitário, mais se encontrarão unidas. Unidas na construção da fraternidade e da paz universal num acolhimento recíproco entre as Igrejas e as comunidades eclesiais, no respeito às diferenças, buscando, conjuntamente com as outras, a expressão histórica mais adaptada à unidade existente para gerar crescimento rumo à unidade almejada. Com relação à ação política dos cristãos, o Concílio incentivou que:

"todos os cristãos se tornem cōnscios de seu papel próprio e especial na comunidade política. Devem distinguir-se pelo exemplo, diretamente ao bem comum, harmonizar a autoridade com a liberdade, a iniciativa pessoal com a solidariedade e o

¹² CONCILIIUM OECUMENICUM VATICANUM II, «Constitutio dogmatica de Ecclesia *Lumen gentium*», 21 nov. 1964, n. 4, AAS 57 (1965) 469-470.

*equilíbrio de todo corpo social, a conveniente unidade com a diversidade proveitosa*¹³.

Portanto, fica evidente que o Concílio Vaticano II, fundamentando-se no dinamismo do Deus uno e trino, mostra a necessidade de os cristãos agirem politicamente, respeitando-se, visando ao bem comum, na liberdade e na solidariedade, tendo em vista a unidade na diversidade. Isto leva a entender a afirmação do Sínodo dos Bispos (1985) de que, «enquanto comunhão com o Deus Vivo, Pai e Filho e Espírito Santo, a Igreja é, com Cristo, mistério de amor de Deus presente na História dos homens»¹⁴. Esta afirmação, torna evidente a missão da Igreja no mundo, levando a uma compreensão maior do compromisso cristão na sociedade, no coração da história. Estar em comunhão e na comunhão e para a comunhão da Trindade, inclui o estar inserido nas vicissitudes humanas para transformá-las em história de salvação, ou seja, em história trinitária

Espelhando-se no Concílio Vaticano II, a Conferência de Medellín (1968) deu ênfase à unidade da história e à dimensão política da fé. Em 1979, a Conferência de Puebla destacou e colocou como eixos fundamentais da evangelização e da meta almejada, a Comunhão e a Participação. Assim afirmou Puebla: «Deus é amor, família, comunhão, é fonte de participação em todo o seu mistério trinitário e na manifestação de sua nova revelação com os homens pela filiação e destes entre si pela fraternidade»¹⁵. A partir dessa consciência de comunhão e participação, acontece um deslocamento de eixo da Igreja na América Latina. Ela acolheu o desafio de traduzir a experiência de fé, não só a partir de si mesma, mas a partir do próprio mundo. Isto é, a missão da Igreja se realiza a partir de um lugar social. A Igreja opta por ser “uma Igreja-sacramento de comunhão”¹⁶.

Neste sentido, o Concílio Vaticano II representa um ponto de partida para a Igreja latino-americana. O Concílio Vaticano II soube abrir as janelas para ler os sinais dos tempos, numa tentativa de dialogar com a modernidade, na qual emergia a subjetividade, a liberdade, a democracia. A Igreja Latino-ame-

¹³ CONCILIIUM OECUMENICUM VATICANUM II, «Constitutio pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis *Gaudium et spes*», 7 dec. 1965, AAS 58 (1966) 1025-1115.

¹⁴ «Sínodo dos Bispos de 1985», *SEDOC* 18 (1986) 824.

¹⁵ CELAM, *Doc. Puebla*, 70.

¹⁶ PB, 1302. p. 391.

ricana percebeu a necessidade de penetrar no mundo dos pobres, ouvindo e conhecendo suas aflições, tendo em vista uma sociedade organizada a partir da comunhão e participação de todos. Nessa realidade conflitiva, emergem os pobres como novos sujeitos eclesiais e sociais. Há uma articulação de fé e vida, o que os teólogos denominam de «o novo jeito da Igreja ser»

- A compreensão de um Deus Trinitário Na América Latina

O termo pericórese é utilizado na teologia latino-americana no pensamento de L. Boff que, ao desenvolver a teologia da Trindade, o faz numa crítica à cultura atual ao contexto social, político e eclesial. A pericórese trinitária emerge como modelo, arquétipo de como se organizam a Igreja e a sociedade. Portanto, L. Boff ressalta a importância da doutrina trinitária para a crítica e a inspiração da sociedade humana. Deus é relacional, comunhão de Pessoas co-iguais, co-eternas, co-existentes, e, portanto, modelo de relação entre os humanos, como também se expressa através da complexidade da criação, onde o todo criado se apresenta como nó relacional.

O documento de Puebla, com o objetivo de exprimir a comunhão e a participação de toda Igreja como povo de Deus na Evangelização no presente e no futuro da América Latina, destaca a estrutura trinitária da Igreja apresentado a Trindade como modelo social¹⁷.

No Primeiro capítulo de Puebla, onde trata sobre o conteúdo da Evangelização, o documento ressalta o dinamismo pericorético trinitário, a partir da promessa na Pessoa de Jesus Cristo em sua relação com Deus Pai e o Espírito Santo. A realidade latino-americana é vista, refletida à luz do mistério trinitário. A Trindade surge como libertação verdadeira e integral de nosso povo¹⁸.

Jesus Cristo, como portador da liberdade, é visto articuladamente em seu sofrimento de cruz como aquele que compartilha da dor do povo crucificado e de toda criação. Essa realidade está em consonância com o mandato recebido do Pai e com a força vivificante do Espírito Santo. No centro do discurso se destaca a relevância dada à implantação do reino de Deus resplandecente na face de Jesus ressuscitado pela eficácia do Espírito. O dinamismo de Jesus Cristo em sua ação missionária permanecerá na vida

¹⁷ CELAM, *Documento de Puebla*, São Paulo 1979

¹⁸ Idem., art. 189.

de seu discipulado na América Latina através da plenitude da comunhão e participação que constituem a própria vida divina¹⁹. A beleza e originalidade do Documento de Puebla consiste em apresentar o Deus tripessoal da revelação em chave histórico-salvífica seguindo a linha do Concílio Vaticano II²⁰.

A revelação do Deus-Trindade se dá dentro de uma realidade concreta; na história de cada pessoa e de cada povo. Portanto, é mister que a comunhão trinitária se apresente em seu aspecto articulador da diversidade em todos os níveis da sociedade, da vida humano-cósmica.

O continente latino-americano, para vivenciar um novo vigor evangélico deixar-se-á permanentemente interpelar pelo Espírito da verdade que a conduzirá á ousadia do testemunho profético. O profetismo, por sua vez, objetiva resgatar a dignidade dos pobres mediante a comunhão e a participação. A teologia de Puebla nos desperta para a compreensão de que, através da revelação trinitária acontecida em Jesus Cristo, descobrimos “as raízes últimas de nossa comunhão e participação”²¹. A solidariedade de Jesus é articulada na reflexão teológica de Puebla à solidariedade do povo do continente latino-americano expressa na construção de uma nova sociedade. A comunhão, atributo da vida divina emerge como possibilidade de manifestar-se em toda a vida, seja na dimensão econômica, quanto social e política. “A evangelização é um chamado à participação na comunhão trinitária”²². O documento afirma, ainda, que devemos participar dos gemidos do Espírito que quer libertar a criação. Percebe-se, aqui, uma continuidade com a teologia paulina da criação.

De acordo com o desenvolvimento teológico do documento, a Cristologia de Puebla vem articulada á Penumatologia que, por sua vez, ressalta a teologia Trinitária. Ao mesmo tempo, essa teologia está interligada a um projeto eclesiológico de comunhão. Em Puebla, o papa João Paulo II fala de fidelidade ao Concílio Vaticano II e seu especial cuidado à eclesiologia (Doc. Puebla - pág. 21). Retomando a *Lumen Gentium* chamou o momento da AL de transcendental da Evangelização.

¹⁹ Idem, art. 199-197.

²⁰ SILANES. N. La Iglesia de la Trinidad, Secretariado Trinitário, Salamanca 1981.

²¹ Idem, art. 211.

²² Idem, art. 219.

Não existe verdadeira evangelização sem uma eclesiologia bem cimentada. “Evangelizar é a missão essencial, a vocação própria, a identidade mais profunda da Igreja, por sua vez evangelizada”²³. Portanto, falar de Deus situando-o nesse contexto, só é possível através de sua revelação na história humana. Essa revelação de um Deus comunhão é atestada por Jesus Cristo. Puebla nos afirma que “a evangelização dá a conhecer Jesus como o Senhor que nos revela o Pai e nos comunica seu Espírito” (Puebla n. 352, p. 177).

Afirmar que Deus existe em três pessoas traz à tona a complexidade da fé. Essa tem sido, no desenvolvimento teológico, uma incansável busca dos teólogos para evitar, na prática, uma desfiguração do rosto de Deus ou até mesmo erros teológicos. Aqui, faremos a tentativa de perceber a relação entre a Pericórese trinitária e a dimensão de comunhão e participação almejada em Puebla. A compreensão é que o encontro entre humanidade e Deus tem implicações em sua rede de relações, seja em nível humano, ou ambiental. Afirmar isso é pensar em um Deus cúmplice da vida em sua totalidade dentro da cultura, “da racionalidade da modernidade, da economia do mundo globalizado”²⁴. É importante afirmar que o termo pericórese trinitária tem conseqüências para a vida em sociedade.

Essa reflexão nos leva a um novo diálogo com o Deus Trindade em seu mistério amoroso e, em sua descida pela via encarnatória. Refletindo através da via da encarnação, Puebla resgata uma cristologia em perspectiva antropológica: “A plenitude dos tempos...e o nascimento através de uma mulher”, nascido de Deus, verdadeiro Deus e verdadeiramente humano nascido de uma mulher²⁵. O que podemos refletir a partir do conceito Trindade Econômica, ou seja, a Trindade na economia salvífica no evento Jesus Cristo.

2- JESUS CRISTO COMO ESPLENDOR DA GLÓRIA DO PAI

O documento de Puebla apresenta Jesus como aquele que revela a esplendor do Pai que, na sua exuberante divindade, desce refulgentemente no coração dos pobres, erguendo-os de sua desgraça e da injustiça, norteados

²³ Idem, pp. 21-22.

²⁴ LEFF, E., *Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza*, Rio de Janeiro 2006.

²⁵ Puebla, art. 188. p. 127.

suas vidas na verdade e no amor. A Igreja-comunidade ao modelo trinitário, conforme compreensão eclesiológica do Concílio Vaticano II, perpassa toda eclesiologia latino-americana.

*"A Igreja na América Latina quer anunciar, portanto, a verdadeira face de Cristo, porque nele resplandecem a glória e a bondade do Pai que tudo prevê e a força do Espírito Santo que anuncia a libertação verdadeira e integral de todos e de cada um dos homens de nosso povo"*²⁶.

Essa realidade vem ligada ao seguimento radical de Jesus que abrange a totalidade humana numa integração com o mundo e o cosmos²⁷. Jesus Cristo é visto a partir de sua identificação " com os mais fracos e os mais pobres"²⁸. O reino de Deus, implantado no centro da história humana, "resplandece na face de Jesus ressuscitado"²⁹. O triunfo da justiça divina sobre a injustiça humana notifica a eficácia do Espírito Santo que realiza a plenitude da transformação direcionando para a comunhão e a participação³⁰.

Dessa forma, a proclamação da Boa Nova na América Latina torna novos homens e mulheres imbuídos da novidade do batismo e da vida conforme o evangelho. A relação entre Deus em sua vida ad intra e sua vida ad extra, exige que se coloque sua relevância salvífica e a estreita conexão entre ambas. Salvar a transcendência de Deus e a gratuidade de seu ato criador e salvífico requer uma explicitação dos fundamentos trinitários da ação divina no mundo.

A beleza da fé no Deus criador se torna transparente numa reflexão teológica capaz de fazer justiça ao ser trinitário de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, Já que a primeira manifestação de Deus fora de si mesmo constitui a etapa inicial e o fundamento da plena manifestação do Pai na vinda do Filho e no dom do Espírito Santo. Dessa compreensão, brota a possibilidade de dialogar com outras tradições religiosas e refletir a realidade antropológica e cósmica a partir da doutrina trinitária³¹.

²⁶ Idem., art. 189. p.127.

²⁷ Idem, art. 192, pp.128-129.

²⁸ Idem, art. 196.p.130.

²⁹ Idem, art. 197. p. 130.

³⁰ Idem, art. 197.p.130.

³¹ VVAA., *Trinidad y creación*, Secretariado Trinitário Salamanca, 2003.p. 166.

Puebla afirma que a Aliança nova estabelecida por Jesus Cristo com Deus Pai é interiorizada pelo Espírito Santo doador da lei da graça e da liberdade³². O Espírito aparece, nessa realidade, como o Espírito da verdade; e aquele que conduz a verdade à plenitude, se apresenta como princípio evangelizador³³. Partindo do princípio de que Jesus revela Deus na medida em que mostra como Deus age, usa-se a simbólica política: o reino de Deus. Mediante a ação e pregação de Jesus, Deus age construindo e instaurando o reino, fazendo-se Senhor de toda criação, gerando fraternidade e justiça. Essas imagens de comunhão configuram a forma de senhorio de Deus³⁴. Jesus é parte essencial, proclamador e realizador do reino³⁵. A prática de Jesus é instauradora do reino por ser uma prática de comunhão com os pobres, reconciliação com os pecadores e convivência sem discriminação, com todos³⁶. A ação de Jesus revela que a natureza de Deus é comunhão e não solidão do uno³⁷. Tal realidade se expressa no documento quando afirma:

"A América Latina, que desde as origens da evangelização selou esta aliança com o Senhor, tem de renová-la agora e vivê-la pela graça do Espírito em todas as suas exigências de amor, de entrega e de justiça"³⁸.

Isto significa dizer que a Trindade incide no cotidiano da vida humana em sua luta por justiça e liberdade na construção de relações mais fraternas. Dessa forma, a sociedade não se perde em suas relações desiguais injustas, mas é convocada a se transformar à luz das relações abertas e co-iguais da comunidade trinitária a qual é utopia realizada de todo caminhar histórico social (PB 480- 502).

A vida de Jesus e a ação do Espírito na história deixam entrever as ações intratrinitárias. Deus é glorificado por Ele mesmo porque a glória da

³² Puebla, art. 198-199.

³³ Idem, art. 202.

³⁴ L. BOFF, *A Trindade e a sociedade*, 43; Doc. PUEBLA, 213. Afirma que por Cristo a humanidade participa da vida trinitária, e constiu-se protagonista da construção de uma convivência fraterna e humana que reflete o mistério de Deus.

³⁵ FREIRE, M. da Silva, *Trindade, Teologia da Criação e Ecologia.*, Roma 2003.

³⁶ Idem. p. 115

³⁷ Idem., p. 116.

³⁸ Puebla, art. 200. p. 131.

diversidade de pessoas e da unidade de comunhão e participação que se apresenta tão fascinante no processo de evangelização da América Latina revela a dinâmica interna de Deus através da missão de Jesus. A Trindade é vivida também como esperança e antecipada nessa esperança quando os oprimidos lutam contra as rupturas e as opressões. Dessa forma, a comunidade trinitária é fonte de inspiração.

O resultado da ação libertadora de Jesus é vista como expressão da revelação do Pai aos humildes e fracos, o que constitui motivo de alegria no Espírito (Lc 10,21-26; Mt 11,25-27). É perceptível em todo documento que a missão de Jesus Cristo se realiza na dinamismo do Pneuma. Há um entrelaçamento cristológico e pneumatológico.

3 - O ESPÍRITO “SOPRO DE DEUS QUE ACOMPANHA A PALAVRA”

“A tradição bíblica oferece a imagem do Sopro de Deus insuflando vida nos seres humanos e outras criaturas. Isso aponta para o ato divino da creatio contínua, que capacita um mundo de criaturas a existir e evoluir”³⁹. Existe na criação uma ligação entre sopro e palavra no ato criador. No ato único da criação, é papel do Espírito ser presença imanente de Deus, colocando todas as coisas em comunhão com Deus, capacitando-as a existir e alcançar sua plenitude em Deus⁴⁰.

A pneumatologia latino-americana traz, em seu bojo, a riqueza dos carismas como embelezamento da vida dos pobres. O Espírito aparece como unificador na comunhão e provedor da diversidade carismática e dos dons hierárquicos através “dos tempos, vivificando, como se fosse sua alma, as instituições eclesiais”⁴¹. Esta perspectiva vem articulada ao princípio de comunhão na comunidade cristã mediante a diversidade dos carismas no mesmo Espírito (1Cor 12, 4), permitindo a unidade em vista do bem comum⁴². O Espírito Santo, em toda tradição bíblica e teológica, é colocado em relação para com o futuro da nova terra e do novo cosmos (Is 32, 15-17), derramado sobre toda carne e o universo (Joel 2, 28- 32), interligado à

³⁹ Op cit ., p 85.

⁴⁰ Idem, p. 87.

⁴¹ Idem, art. 206.P.132.

⁴² L. BOFF, *Ecologia: Grito da terra, grito dos pobres*, 257.

imagem do novo homem e da nova mulher na figura do novo Adão, Jesus Cristo (1 Cor 12, 13)⁴³.

Do ponto de vista desta reflexão, esta será a inauguração da história eterna de um desenvolvimento ilimitado e de apropriação inesgotável do reino da Trindade. Aqui, o Espírito surge como aquele que orquestrará a sinfonia universal, e a ecologia será completa e transfigurada. Puebla afirma que o Espírito Santo quer libertar a criação inteira e mover a todos para essa libertação, abrindo caminhos para a unidade entre si e com Deus, orientando a história para sua “eschaton”, até que: “Deus seja tudo em todos” (1 Cor 15, 28). O Espírito está presente na comunhão e solidariedade entre as culturas.

Para situar a comunhão como solidariedade, nada melhor do que entender o sentido da palavra *koinonia*. No NT esta palavra, como conceito cristão, ocorre 19 vezes como substantivo, 10 vezes como adjetivo e 8 vezes como verbo. Alguns autores concluem que, apesar das diferentes concepções que esta palavra possa ter, *koinonia* pode ser traduzida por solidariedade⁴⁴. A comunhão e a solidariedade na comunidade são a expressão da *koinonia* com o Pai e com o Filho (cf. 1Jo 1,3). Na primeira Carta aos Coríntios, Paulo diz que a *koinonia* é um chamado de Deus à *koinonia* com o Filho (cf. 1Cor 1,9). Em muitos textos, esta *koinonia* aparece como “comunhão no Espírito” (cf. 2Cor 13; 14; Fl 2,1). O Espírito é *koinonia* (cf. 2Cor 13,13). A comunidade primitiva compartilhava, neste Espírito, uma comunhão solidária, *koinonia* (cf. Atos 2 e 4).

Trata-se também de uma comunhão de fé compartilhada na comunidade de fé (cf. Ef 3,9; Fl 1,15). A visibilidade desta comunhão com Cristo se dá na Ceia (cf. 1Cor 10,16-34). Para compreender o sentido da *koinonia*, Paulo insiste em sua manifestação concreta, isto é, na *koinonia* material (2Cor 8 e 9). Compartilhar com Cristo, exige compartilhar com os sofrimentos e aflições dos irmãos na fé (cf. 2Cor 1,1-6). Paulo sabe que a comunhão necessita do amor para sustentar-se (cf. Rm 12,10) e de uma base sólida que é o amor

⁴³ L. BOFF, *Ecologia: Grito da terra, grito dos pobres*, 265. (At 2, 16-19; Gn 3, 15; Jo 19, 27; Jo 3, 3-8; 1Cor 15, 44); P. TILLICH, *Systematic theology*, III, 285, apresenta uma doutrina do novo ser derivada da doutrina paulina da nova criação, porém expressa na linguagem da ontologia, modelada sobre o registro da concepção teológica na perspectiva de Deus como a potência do ser que vence o não ser.

⁴⁴ Cf. C. BRAVO, *Apuntes para una eclesiología desde América Latina*, México, CRT, 1982, p. 183-185.

de Deus que se manifesta na vida fraterna da comunidade (cf. 1Cor 13). Puebla afirma que: “a evangelização dá a conhecer Jesus como o Senhor que nos revela o Pai e nos comunica seu Espírito. Ela chama-nos à conversão, que é reconciliação e vida nova; leva-nos à comunhão com o Pai que nos torna filhos e irmãos⁴⁵”.

O documento de Puebla ao explicitar o conteúdo histórico e libertador da expressão “comunhão e participação” dentro da realidade de injustiça institucionalizada da América Latina, o faz convocando a Igreja a ser presença viva do mistério trinitário. A autenticidade da evangelização se configura mediante os paradigmas normativos que devem ser considerados: primeiro é a encarnação do Verbo de Deus, pois o Evangelho é a encarnação nas culturas a partir de suas próprias matrizes. O segundo é o dinamismo do Espírito Santo que, no seu bojo, explicita o ideal utópico de relacionalidade fundamental para todas as culturas. E desse deriva o terceiro que é a compreensão de Deus como Trindade de amor, como arquétipo de novas relações. O quarto é o da Igreja, povo de Deus, enquanto espaço de comunhão onde acontece a expressão do dinamismo pericorético trinitário.

A ressurreição mostra a capacidade de transfiguração das culturas dentro de um processo dialógico de evangelização. Esses elementos aparecem inter-relacionados, não é possível separá-los, embora sejam distintos. Ao afirmar o pobre como sujeito histórico-ecclesial, afirma-se que a evangelização consiste no anúncio da Boa Nova de Deus realizada na vida e morte-ressurreição de Jesus. É a promessa de Deus realizada plenamente em Jesus Cristo que trouxe o reino à humanidade.

“A fidelidade aos sinais da presença e da ação do Espírito nos povos e nas culturas devem ser expressão das legítimas aspirações dos homens” (PB 379). Para ser fiel ao dinamismo do Espírito na dinâmica de Puebla, faz-se mister: a) fidelidade a Palavra de Deus; b) a inculturação do Evangelho e dos missionários; c) uma evangelização abrangente que considere o ser humano em sua totalidade, a partir de sua dimensão religiosa; d) descobrir “os germes do Verbo” presentes na culturas; discernimento diante da religiosidade popular dos povos ; e) laicato organizado, jovens comprometidos com o reino de Deus; f) articulação entre evangelização, libertação e promoção humana; tudo isso interligados ao discernimento da libertação

⁴⁵ Puebla, art. 352. p. 177.

em Cristo ; g)ser capaz de desarticular uma estrutura de pecado para criar uma convivência fraterna e libertadora (PB 390-442).

4 - MARIA MULHER ÍCONE DO MISTÉRIO TRINITÁRIO

Inteiramente comprometida com a realidade do povo latino-americano com o título de Guadalupe, Maria aparece no documento como a Mãe de Cristo e Mãe da Igreja, totalmente imersa nas realizações das promessas messiânicas e como aquela que, em pentecostes, “implorou para a Igreja o Espírito Santo vivificador” (PB 287). Falando de um parto sempre renovado, Maria é reafirmada como nossa Mãe (PB 288). Como modelo eclesial em sua relação com Cristo, Maria é apresentada em sua comunhão e participação no projeto de salvação através de seu carisma materno (PB 291- 295). Maria é tida como a mulher que conheceu toda a realidade de pobreza: o sofrimento, a fuga e o exílio (Mt 2, 13-22). Isso leva a uma identificação do povo latino-americano que sofre a fome, a privação de seus direitos e a injustiça.

CONCLUSÃO

A terceira parte do documento de Puebla explicita nitidamente o sentido de comunhão e participação através dos grupos, colegialidade episcopal, congregações religiosas, comunidades eclesiais de base, sacramentos, e tantos outros. Sobretudo, a comunhão e a participação se expressam através de toda Igreja para proclamar a chegada do reino em Jesus Cristo no serviço aos pobres. Como ponto de partida, o mistério trinitário, todos são convocados a viver a missão da Igreja como batizados, em comunidade. Pelo batismo, cada um é chamado a sair de si mesmo para abrir-se aos irmãos e irmãs, atraídos pelo Espírito de Amor, doador dos carismas. A comunhão e a participação se manifestam nos diversos serviços, ministérios e compromisso com a defesa da vida. A partir dessa orientação marcadamente trinitária onde a missão do Filho necessita da missão do Espírito para a glorificação do Pai, é necessário compreender que a revelação de Deus na história é um ato trinitário. Desses elementos trinitários do documento de Puebla, é possível obter uma contribuição no que se refere ao meio ambiente e aos desafios ecológicos. O Espírito pode ser visto nessa dimensão como o aquele que atrai e fascina o povo para o projeto da Trindade. Ou ainda,

como dizia Ambrósio de Milão: o trabalho do Espírito é tanto a criação do mundo como a renovação do mundo⁴⁶.

Refletir sobre o dinamismo trinitário na economia da salvação nos possibilita repensar as relações entre a comunidade humana e a comunidade cósmica, o meio ambiente. Segundo os estudiosos, a racionalidade ambiental emerge como uma crise de civilização: da cultura ocidental, desarticulando o mundo ao qual conduz a coisificação do ser e a superexploração da natureza. É a perda do sentido da existência que gera o pensamento racional em sua negação da outridade. A crise ambiental, como coisificação do mundo, encontra suas raízes na natureza simbólica do ser humano, mas começa a germinar através do projeto positivista moderno que procura estabelecer a identidade entre o conceito e o real.

A crise ambiental é a crise do efeito do conhecimento sobre o mundo. É uma crise das formas de compreensão do mundo a partir do momento em que o homem surge como animal habitado pela linguagem fazendo com que a história humana se separe da história natural⁴⁷. Em toda história humana, as formas do conhecimento criaram e transformaram o mundo, mas, o que se distingue agora é a forma e o grau de racionalidade da modernidade interferindo no mundo, socavando as bases de sustentabilidade da vida, colocando em risco a vida planetária e o futuro das novas gerações. A crise ambiental inaugura uma nova relação entre o real e o simbólico. Parece que isso exige uma espécie de humildade, a capacidade de aprender com os outros⁴⁸. Portanto, Deus como Pai, em perspectiva trinitária nas suas relações pericoréticas com o Filho e o Espírito Santo, é modelo para todos os que buscam construir a unidade na complexidade da diversidade.

A distinção Pai e Filho possibilita uma relação de comunhão de mútua entrega. Emerge, assim, o dom recíproco: o Espírito Santo. No Espírito Jesus é glorificado, exaltado como o Senhor do reino de Deus(1 cor 2, 8). A vinda gloriosa de Deus resplandece em sua face e toca os corações de homens e mulheres como luz nas trevas do primeiro dia da criação(2Cor 4, 6). O Pai glorifica o Filho mediante a ressurreição enquanto o Filho glorifica o Pai mediante a obediência.

⁴⁶ Citado in EDWARDS. D. *Sopro de Vida: uma teologia do Espírito Criador*, Loyola São Paulo. p. 78.

⁴⁷ Idem., pp.16-17

⁴⁸ VOLK, T., *Il Corpo di Gaia: fisiologia del pianeta vivente*, Milano 2001.

O evento de sua mútua glorificação é missão do Espírito Santo. Com a ressurreição de Jesus, transfiguração, transformação e glorificação, o movimento do Espírito em toda carne se inicia. É o dinamismo trinitário pericorético habitando a humanidade e o cosmos. É importante perceber que a unidade divina, vista na perspectiva trinitária, emerge como expressão da eterna comunhão e essencial interpenetração de vida e de amor entre os divinos três. Essa realidade divina se revela na história mediante a pessoa de Jesus Cristo. Sem dúvida, os cristãos, ao darem testemunho de solidariedade, realizam a missão de Jesus. A unidade é constitutiva da missão: “Eu neles e Tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste” (Jo 17, 23).

A maior contribuição da articulação dos elementos trinitários do documento de Puebla é provocar uma reflexão de como a compreensão sobre os termos comunhão e participação à luz do dinamismo trinitário de Deus, pode ser relevante, capaz de dialogar com o mundo globalizado, e que a fé tem algo a dizer diante da crise de valores da descentralidade da sociedade. Portanto, a conscientização da necessidade de uma racionalidade ambiental situa-nos no contexto histórico, na dialeticidade da vida num diálogo aberto, segundo a medida do Deus trino (cf. Jo 17) opondo-se ao nivelamento de âmbito pessoal, da negação da alteridade do outro como outro, das catástrofes ecológicas da retenção do saber. Sem dúvida, a maioria das pessoas tem consciência dos problemas ecológicos, porém, de uma forma fragmentada, desarticulada de um envolvimento que compromete. A destruição ecológica do planeta, a degradação socioambiental e a expropriação da população autóctone de seu patrimônio de recursos naturais e culturais apresentam a necessidade de transformação dos princípios da racionalidade econômica⁴⁹. É possível afirmar que “a construção de uma racionalidade ambiental é a realização de uma utopia”⁵⁰.

Não é possível a existência de um sistema ecológico sustentável sem a construção de uma racionalidade ambiental. Ambos estão inter-ligados. A comunhão trinitária traz presente a possibilidade de uma consciência de fascinação diante da beleza do universo e da complexidade humano-ecológica.

⁴⁹ Idem, p. 493.

⁵⁰ Idem., p.261-262.

A complexidade está para além da representação: ela gera novas relações e compreensões distintas do mundo. A Pericórese trinitária nos lança no abismo do mistério profundo, enquanto realidade inesgotável e possibilidade na experiência humana.

Portanto, a comunhão e a participação tratados em Puebla resgatam para nós o dinamismo salvífico do Deus Trindade.

Assim sendo, a Trindade irrompe em seu dinamismo pericorético, acenando em cada relação, irrompendo em cada ecossistema. Mas, principalmente, se sacramentaliza na vida de cada pessoa humana. A práxis da pericórese trinitária, requer mudanças metodológicas, conceituais e de relacionamento, sobretudo o saber inculturar-se nas diversas culturas⁵¹. Daí, a necessidade de apontar que a pericórese trinitária implica numa práxis eclesial imbuída de sentimento ecumênico-cósmico.

BIBLIOGRAFIA

- CELAM, Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, São Paulo 1983.
- _____, *EL Dios de nuestra Fé: Dios uno y trino*, Bogotá 1991.
- FREIRE, M. da Silva, *Trindade, Teologia da Criação e Ecologia.*, Roma 2003.
- FORTE, Bruno., *A trinità come storia*, Milano 1988.
- LEFF., E., *Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza*, Rio de Janeiro 2006.
- SILANES. N. *La Iglesia de la Trinidad*, Secretariado Trinitário, Salamanca 1981.
- VOLK, T., *Il Corpo di Gaia: fisiologia del pianeta vivente*, Milano 2001. EDWARDS. D. *Sopro de Vida: uma teologia do Espírito Criador*, Loyola São Paulo.
- L. BOFF, *Ecologia: Grito da terra, grito dos pobres*
- VVAA., *Trinidad y creación*, Secretariado Trinitário Salamanca, 2003.

Profa. Dra. Ir. Maria Freire da Silva-icm.

Professora na Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra da Assunção e Redatora da Revista de Cultura Teológica e coordenadora comunitária.

⁵¹ L. BOFF, *Nova era: a civilização planetária*, 76-81. Aqui, o autor após analisar a lógica da inclusão, a nova aliança e a força dos fracos, mostra que “a opção pelos pobres e marginalizados constitui hoje o critério de universalidade e credibilidade do critianismo”.